

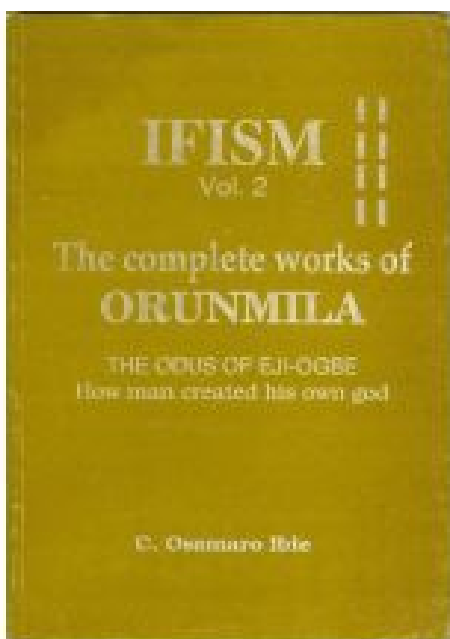
# Osamaro Ibie, uma auto-biografia

Luiz L. Marins

[www.luizlmarins.com.br](http://www.luizlmarins.com.br)

Janeiro de 2015

Segunda edição



## INTRODUÇÃO

Considerando o destaque que este autor vem recebendo na internet, em vários idiomas, julguei oportuno apresentar (abaixo) um resumo de sua auto-biografia, publicada em seu livro *Ifism, the Complete Work of Òrúnmilà*, Nigéria, Efehi Ltd. 1991.

A tradução não foi a partir do original. Outrossim, trabalhamos diretamente este material que é distribuído na internet, sem informação do tradutor. O texto parece ser tradução digital. Devido a extensão, retiramos alguns parágrafos tangentes, mantendo as partes mais relevantes para a “credibilidade” do autor, e por consequência, de toda sua obra. Não usaremos os tradicionais colchetes [...] pois resultaria em um layout não agradável à leitura, mas, apesar disto, a tônica mantém-se fiel ao original.

Este autor é copiado divulgado em vários sites, alguns de renome associados a casas e pessoas tradicionais, e seus textos tornaram-se material “de referencia”. Por isso, julgamos essencial para o povo-de-santo conhecer esta autobiografia do próprio Osamaro, autor de textos que estão sendo distribuídos na internet, para que possam formar melhor juízo.

Continuem agora com a autobiografia de Osamaro.

## A INICIAÇÃO EM ỌRÚNMÌLÁ

Para um homem que nasceu em uma família cristã, batizado com o nome de Clemente, e confirmado com o nome de Joseph na igreja católica, e que nos primeiros estágios de vida, até mesmo teve uma curta passagem no sacerdócio, é difícil imaginar como este escritor voltou-se a uma religião “primitiva” como Ifá, ou Ifismo. Isso mostra a força de atração que a religião tradicional de Ifá tem.

Meu pai aposentou-se como servidor público na idade de 48 anos em 1951. Hoje em 1983, ele é um experiente sacerdote de Ifá. Eu sempre discutia com ele, para afastar-se deste “fetichismo idólatra”. Ele sempre disse que eu mudaria minha opinião.

Entretanto, todo tempo eu via pessoas vindo agradecê-lo por salvar suas vidas, das suas crianças, e outros membros de suas famílias, ou por tê-los ajudado a prevenir uma catástrofe que deles estava se aproximando. Então, comecei a querer saber se havia verdadeiramente algo miraculoso sobre esta aparente religião mundana.

Eu tenho visto entusiásticos cristão e muçulmanos vindo a ele, e seus colegas, para os auxiliar. Eu vejo pessoas vindo vê-lo de lugares distantes e próximos, porque eles diziam que a não ser que eles fizessem oferendas num altar de Ifá, eles não estariam livres de suas aflições. Eu também tenho visto deste mesmo modo pessoas retornando dias, semanas ou meses depois para expressar profunda gratidão.

Contudo, eu estava acomodado demais na prática do cristianismo para proferir algum pensamento positivo deste crescimento contemporâneo. Entretanto, eu estava começando a me perguntar sobre certas questões.

Havia um homem Yorùbá em seus noventa anos, que era amigo de meu pai desde minha infância, mas que eu não tinha visto por mais de onze anos. Seu nome é Chefe Ọbalọlá, ele mesmo um exímio sacerdote de Ifá em toda sua vida.

Um dia eu estava comprando materiais para reformar minha casa em Benin, quando este senhor aproximou-se de mim e eu me apressei em cumprimentá-lo.

Ele perguntou sobre meu pai e eu informei o que ele estava muito bem. Ele então me perguntou se eu estava hospedado em Lagos, e respondi que sim. Curiosamente, ele perguntou se eu já entendia o idioma Yorùbá e eu confirmei que, apesar de ter vivido em Ìbàdàn e Lagos desde 1959, eu até agora não falava uma sentença em Yorùbá.

Ele balançou sua cabeça simpatizando comigo. Eu o informei que eu não tinha necessidade desta simpatia desde que não estava me fazendo muita falta o não conhecimento da língua Yorùbá e que neste caso eu tinha uma esposa Yorùbá que poderia suprir esta lacuna.

Depois de uma profunda reflexão, ele me informou que desde o tempo em que eu era criança, ele tinha informado ao meu pai que Ọ́rúnmílá tinha uma tarefa especial para mim, e que ele lamentava naquele dia, pois Ọ́rúnmílá tinha informado que se eu tivesse compreendido sua linguagem (Yorùbá) ele teria feito grandes coisas através de mim.

Eu perguntei o que neste mundo Ọ́rúnmílá esperava fazer por meu intermédio, quando eu nem mesmo acreditava nele. Quando estava saindo, disse-me para olhar para fora com cuidado de modo que eu não tivesse que estar entre o diabo e o mar azul profundo, antes de apreciar o lugar de Ọ́rúnmílá em minha vida.

Quando eu cheguei em casa, contei ao meu pai o que o Chefe Ọ́balọ́lá me informou, e ele confirmou que eles tinham discutido o assunto constantemente desde que eu tinha oito dias de vida, quando fizeram minha cerimônia de nome dentro da religião de Ifá.

Quando eu me aposentei voluntariamente em março de 1980, aos 45 anos, eu descobri rapidamente mais tarde que eu não tinha muito a fazer para me manter ocupado, desta forma decidi escrever um livro de História Econômica da Nigéria entre 1960 e 1980. Eu

mal tinha andado um quinto do caminho escrevendo o livro quando a atração por Ifá se tornou muito forte para que eu ignorasse.

Eu não acreditava em mistérios e milagres, mas confesso que em 1981 eu não pensava em alguma outra coisa exceto como fazer outras pessoas conhecer os segredos da Religião de Ifá.

Eu tenho entretanto descoberto que não há nenhum mistério na religião de Ifá. É justo que seu conhecimento tenha sido guardado por muito tempo deixado nos cérebros dos iletrados homens mais velhos, que tendo gasto inúmeros anos aprendendo sobre o Ifá, não são suficientemente afiados para dividir com o conhecimento, exceto aqueles que preparados para se sujeitar ao processo da aprendizagem que também irão atravessar. Desde que eu descobri que para se tornar um sacerdote de Ifá, o estudante tem que se tornar virtualmente em um servo-aprendiz por alguma coisa entre 20 e 30 anos.

Em primeiro lugar, havia um Sr. Bayo Ifaniyi, um homem ikale de Ode Irele no estado de Ondo, quem eu encontrei em 1967 quando um parente o trouxe em minha casa para ajudá-lo, garantindo um trabalho humilde para fazer na fábrica. Posteriormente eu o introduzi na Indústria Enpee Ltd. em Ilupeju, Lagos, onde ele fora empregado como operador de máquinas. Ele fez aquele serviço por dois anos depois do que ele desistiu, sem que eu soubesse na época porque ele desistiu do emprego.

Cerca de sete anos depois ele me visitou em companhia de parentes que o trouxeram em primeira instância até mim. Eu lhe dei Obi que ele abriu e começou a falar divinando através do mesmo. De um modo impaciente com sua espontânea leitura da sorte eu disse a ele para comer seu obi e tomar sua cerveja que eu havia lhe dado e ir embora. Fiquei sabendo depois que ele tinha deixado seu trabalho na fábrica porque Òrúnmìlà o queria para a prática de Ifá em todo tempo fundamental.

Ele foi a primeira pessoa que eu convidei para me falar de Òrúnmìlà, quando o chamado veio a mim em 1981.

Eu viria a ter conhecimento depois que meu pai preparou meu próprio Ifá para mim em 1944 quando eu estava no segundo ano primário no ensino fundamental. Eu tinha me tornado muito irritável por que eu amava minha vida em sala de aula e minha participação como um coroinha na igreja católica. Eu também era demasiadamente afeiçoado as minhas lições de catequese sob as ordens do Irmão James e Pius.

Eu tenho vaga lembrança que fiquei doente por exatas seis semanas, e que meu pai tinha convidado alguns velhos homens que vieram a sua casa para preparar algumas sementes pretas as quais eles colocaram em uma cabaça e encheram-na de óleo e eu fui chamado naquele quarto.

Eu não posso me recordar totalmente o que aconteceu depois disso, nem eu sei tudo o que tinham feito comigo. Na manhã seguinte eu levantei normalmente e andei até o quarto de meus pais para lhes dar meu tradicional bom dia. Eles estavam surpresos por me ver de volta sobre meus pés. Ele resmungou alguma coisa que eu não compreendi totalmente, mas eu estava apto a ir novamente para a escola naquela manhã e não tive recaídas desde então. Contudo em 1955, eu deixei o ensino secundário e estava trabalhando na Warri, e ainda um católico praticante.

Em um sábado, meu amigo e vizinho de porta, Mr Joseph Okufo tinha planejado ir a Benin e sugeriu que eu poderia acompanhá-lo no final de semana

Naquela época, o rio Olobo entre Sapele e Benin estava cheio e o trecho de estrada entre o ramal Koko e a cidade de Ologbo tinha se tornado intransitável. Eu estava começando a sentir vertigens quando nós subimos a bordo de outro veículo a motor para Ologbo. Eu devo reconhecer que neste dia eu não lembro o que aconteceu entre Ologbo e Benin.

Eu fui informado depois que eu estava muito passivo em minhas reações durante o resto da jornada para Benin, sem falar com ninguém e sem replicar quando falavam comigo. Chegando em Benin, peguei a direção da primeira estrada que eu vi. Perdi a consciência

até mais ou menos 10:00h da noite quando eu repentinamente me achei no meio do nada.

Quando eu vi um jovem numa bicicleta vindo pela rua, o parei e lhe pedi para me mostrar o caminho para Do Colige Road nº 4, residência dos meus pais em Benin. Quando eu narrei como cheguei na vila de Oka para meus pais, minha mãe rompeu em lágrimas. Eu dormi profundamente naquela noite, contudo eu tive novo surto de alucinações no dia seguinte. Estava novamente claro que eu estava sofrendo de paranoia psicótica espasmódica.

Na manhã seguinte minha mãe me acompanhou até o hospital aonde ela fez um apelo emocionado para me deixar uma semana em licença, permitindo-a me levar de volta a Benin para cuidados adequados. O doutor se sentiu insultado e instruiu que eu deveria ser hospitalizado imediatamente para observação e tratamento. Fui deixado em uma cama no Hospital Geral e amostras do meu sangue foram tiradas para o recente patologista Ikomi. Ele diagnosticou que era o que mais tarde se chamou “Mepacrine Psychòsis”.

Minha mãe e eu viajamos de volta para Benin imediatamente. Na chegada em casa, meu pai me informou que ele tinha completado minha cerimônia de Ifá imediatamente, porque Ọrúnmìlá disse estar lamentoso por ter ficado por muito tempo dentro do óleo - onze anos (1944a 1955). Eu devo confessar que eu não tinha ideia do que ele estava falando.

Durante minha hospitalização ele tinha mais uma vez convidado o velho que preparou o estágio inicial da cerimônia de Ifá. Ele me revelou que o velho tinha lhe dito que Ọrúnmìlá me perseguia no mundo por causa do problema de má cabeça e que eu estava destinado a pagar na terra por não reconhecer sua importância em minha vida. Meu pai me disse que tudo foi assentado e que a cerimônia era para iniciar imediatamente.

Tudo aquilo era Grego para mim porque eu o recordo falando que se ele queria comer

carne, eu compraria uma cabra para ele abater mas não me falaria coisa alguma sobre algumas sementes pretas juju que tinham ficado por tão longo tempo dentro de uma cabaça com óleo. Perdi a memória novamente por algum tempo e quando recuperei a consciência, meu cabelo tinha sido raspado como parte da cerimônia.

O velho que eu reconheci depois ser um sacerdote de Ifá, estava junto na sala de visitas com meu pai e eles começaram a me contar sobre meu passado, presente e futuro. Eles mencionaram o meu nome iniciático e me disseram que minha vida ia em conformidade com a vida daquele assentamento. Foi naquele momento que eu comecei a acompanhar o resto da cerimônia, e exatamente sete dias depois fui para Warri. Estava me sentindo suficientemente bem para voltar ao trabalho.

Casei-me em 1959 e tive uma filha daquele casamento. Casei-me sob as bênçãos da igreja católica porque até esta data não podia ter nada a fazer com este Òrúnmilà, que meu pai mantinha com ele.

Concluído meus estudos em UK, eu persistia praticando o catolicismo com minha esposa, que também é de uma família católica. Em um determinado estágio, pensei seriamente na ideia do sacerdócio. Retornei para casa em 1963 e continuava praticando o catolicismo, atendendo a igreja de Santo Agostinho em Surulere e depois Santo Dominic em Yaba.

## A TENTATIVA DE SUICÍDIO

Em 1969, quando por frustração pela impotência temporária, eu quase acabei com a minha vida num sábado à noite em agosto do mesmo ano. Os sacerdotes de Ifá tinham me alertado durante o final da cerimônia de iniciação em 1955, que se eu não seguisse a religião de Ifá, eles não poderiam me ajudar na cura da impotência sexual. Por outro lado, eu preferiria morrer a ter que abandonar meu caminho cristão.

Eu fui miraculosamente salvo de me suicidar naquele fatídico sábado de agosto de 1969,



por volta das três da manhã quando retornava à minha residência na Estrada Elms, 2, no conjunto médico em Yaba. Logo que minha tentativa de suicídio foi frustrada pela intervenção divina, eu chorei pelo resto da noite sem ter sono algum.

Na manhã seguinte que era um sábado, fui como de costume a Igreja de Sto. Dominic em Yaba. Na minha volta da igreja, eu encontrei um homem na entrada da minha residência vestido com objetos da realeza do Chefe Bini. Eu lhe perguntei qual era sua missão e ele respondeu que ele estava procurando pela residência do antigo Dr. Idehen, quando foi enviado dos arredores de Yaba à casa de um homem de Bini dentro do composto médico, que pôde apontar a residência do Dr. Idehen. Ele se apresentou como Chefe Igbinovia da Av. Nekpenekpen nº 8, na cidade de Benin.

Eu o levei até minha sala de estar e lhe ofereci os tradicionais Obi e bebida. Quando ele abriu o obi do jeito tradicional, os jogou no prato no qual haviam sido presenteados e murmurou algo para si mesmo. Chefe Igbinovia, me perguntou se eu tinha Ọrúnmilá e o informei que embora meu pai tivesse preparado um para mim muitos anos antes, eu era no entanto um cristão, como ele podia ver que eu estava justamente retornando da igreja com a bíblia e um rosário nas mãos. Para meu total espanto ele tirou seu instrumento de divinação de Ifá (Okpele), e perguntou-me se era a minha casa que Ọrúnmilá mandou-o visitar em Lagos.

Todavia eu já tinha ouvido sobre as manhas destes “falsos doutores nativos”. Eu comecei a me perguntar se ele estava vendo uma oportunidade de fazer dinheiro em cima de mim. Depois de jogar três vezes, ele tornou a me dizer que se eu não acreditava que ele estava vindo para falar comigo ele era obrigado a me dar uma mensagem divina assim mesmo.

Ele então revelou que estava dormindo em sua casa na noite anterior, quando por volta das três da manhã Ọrúnmilá o acordou e lhe disse que uma de suas crianças estava entre a vida e a morte em Lagos e que ele deveria ir para informá-lo para retornar para casa onde seu Ifá estava preparado, e banqueteá-lo com uma cabra, só então Ọrúnmilá

poderia revelar a causa e a cura para seus problemas de homem. Em vista dos fatos acontecerem às três da manhã, quando ele supostamente teve seu sonho em Benin, coincidiu com o momento em que eu tinha atentado contra minha vida na noite passada em Lagos.

Diante do fato fiquei mais interessado em sua exposição e comecei a escutá-lo com elevada atenção. Sem lhe revelar que me ocorreu na noite anterior, ele me contou que quaisquer que fossem os problemas que eu tinha não eram privados de solução, desde que eu fosse para casa fazer o sacrifício prescrito por Ọrúnmilá.

Então lhe perguntei se era Ọrúnmilá a causa dos meus problemas, por ter me recusado a trilhar seus caminhos. Ele replicou que Ọrúnmilá não estava me punindo ou chantageando por se recusar a segui-lo. Ele adicionou que o motivo por que Ọrúnmilá insistia em ser reconhecido por aquele a quem acompanhava nesta terra, é para estar em posição de auxiliá-lo a frustrar as maquinações maléficas dos seus inimigos.

Ele também revelou que meus temporários problemas sexuais, precedidos por 10 anos absolutamente sem filhos, eram causados por inimigos que tramaram um jeito brusco de, quanto mais longa e memorável a vida, colocar um fim.

Eu lhe prometi que estaria indo fazer o sacrifício e ele se foi. Ele recusou-se a aceitar algum dinheiro exceto o de seu transporte no valor de duas libras. Eu nunca mais o vi, até 10 anos depois em 1979, na casa de parentes, nem o tenho visto deste então.

Na próxima segunda, eu vitoriosamente solicitei para sair de férias, e imediatamente viajei para Benin. Por volta de três semanas antes da minha tentativa de suicídio, eu tinha sido totalmente impotente e absolutamente incapaz de ter sexo, ambos fora e dentro do casamento.

Chegando em casa eu contei ao meu pai o que aconteceu e novamente ele convidou alguns dos sacerdotes de Ifá que ainda estavam com vida, para me auxiliar na oferenda

do sacrifício para Ọrúnmilá.

Depois de tê-lo servido, os sacerdotes se reuniram cinco dias mais tarde para louvar Ifá, perguntando-lhe qual revelação tinha para fazer. O que eu posso revelar do que me foi informado naquele dia é que eu deveria manter meu altar de Ọrúnmilá comigo se eu preferia viver e como estava morando em Lagos, deveria levá-lo comigo.

Casualmente o Chefe Ọbalọlá, que mais uma vez estava disponível, me perguntou diretamente se eu ainda era um homem completo como eu estava ereto diante dele. Eu não podia remediar, mas respondi negativamente, embora eu não tivesse discutido aquele aspecto dos meus problemas previamente com alguém em casa.

Ele também me perguntou se eu tinha tentado o suicídio e eu respondi afirmativamente. Ele me assegurou que tendo sobrevivido a aquelas duas pré-destinadas provações, estas seriam as últimas neste período, contanto que eu parasse de negligenciar meu Ọrúnmilá.

Ele predisse uma mulher que eu teria um caso e então ficaria grávida, mas eu não aceitaria responsabilidade ou tomaria susto. Não era para eu tomar nenhum remédio para minha condição e o aspecto surpreendente foi que ele perguntou se minha esposa estava por perto e eu lhe disse que não. Ele então me disse que se eu tivesse uma namorada em Benin, eu deveria convidá-la a dormir comigo naquela noite. Ele me afirmou que Ọrúnmilá lhe informou que eu recuperaria minha potência naquela noite. Basta apenas dizer que tudo que ele disse foi verdade conforme predição.

Eu tenho tido muitas crianças entre 1970 até o presente momento e minha vida tem sido uma história de sucesso desde então. Um dos sacerdotes presentes naquele dia era o Senhor Idahosa Imasuen, que é o maior contribuinte para os assuntos deste livro.

Eu encontrei o terceiro dos meus professores de Ifá logo depois da minha aposentadoria em 1980. Ele é o Chefe Omoruyi Edokpayi, que mora em Ondo. Ele me visitou em 21 de maio de 1980, em minha nova residência em Ajao, Oshodi nos arredores de Lagos.

Ele veio acompanhado de um parente meu. Mais uma vez, de acordo com a tradição Bini, eu lhe dei Obi e quando ele o abriu e jogou no prato, ele me olhou com espanto. Eu novamente fiquei confuso, porque eu tinha visto muita sorte agourenta assim no passado. Ele me informou que Ọrúnmílá tinha lhe pedido para me dizer que pessoas estavam vindo mandadas para me matar a menos que eu fizesse um sacrifício para Ifá imediatamente. Ele me disse que se eu fizesse o sacrifício poderia escapar da morte mas poderia ser vítima de algum roubo, para compensar pela minha vida.

Ele chamou uma das minhas esposas e lhe disse para fazer sacrifício para Ọrúnmílá com uma espada para evitar ser morta ou ferida com a mesma. Ela sendo filha de Bishop, nunca costumou dar muita atenção a tais coisas, de modo que ela não fez o sacrifício, apesar de que eu adicionei uma espada aos materiais com que fiz o sacrifício.

Exatamente sete dias depois de eu ter feito o sacrifício, que foi em 1º de junho 1980, quarenta ladrões armados atacaram minha casa às duas horas da manhã. Eles quebraram todas as portas e removeram tudo de valor da casa.

Mas pela graça de Deus nenhuma vida foi perdida, apesar do líder dos ladrões mandar três homens ficarem nos apontando armas pelas duas horas da operação. Não sei como fui salvo, eles estavam provavelmente deslumbrados com os itens de valor que levaram. Um deles tentou violentar minha esposa a qual tinha sido solicitado o sacrifício com a espada. Como o estuprador tentou rasgar a cinta que ela estava usando, a espada a feriu na coxa.

Quando o Chefe Edokpayi interpretou a história de Ọrúnmílá, ele me disse que todas as coisas que tinham me acontecido desde que eu nasci, coincidiam com a vida do próprio Ọrúnmílá.

Este livro é portanto uma tentativa para desmascarar a relação mútua e coeficiente entre a vida de Ọrúnmílá e a vida dos simples mortais, que de repente averiguam por si mesmos mais pelos simples acidentes designados, tornando-se seguidores de Ọrúnmílá.

## O CONVITE DIVINO

Eu não sabia que a voz que não me deixou por fim a vida em 23/08/1969, era aquela de Ọrúnmilá. Eu só o reconheci em 03/06/1979, quando a voz falou comigo de novo em Hamburgo, Alemanha Oriental.

Eu fui para cama mais cedo àquela noite e por volta de uma hora da manhã, um homem vestindo uma túnica branca com um rabo de cavalo na mão me acordou. Ele também usava contas azuis em seu pulso direito. Ele se apresentou com o Ukpín e um servo de Deus. Perguntou-me se eu tinha me esquecido que ele me acompanhava neste mundo, e revelou que eu tinha prometido no céu, quando estava vindo para a terra, que eu serviria a espécie humana até a idade de 45 anos, depois deveria iniciar o serviço às divindades. Ele me disse que eu não poderia deixar passar o primeiro aniversário de sua aparição, para me dedicar a serviço do público.

Também disse que se eu deixasse os encantos do cargo anuviar minha visão, eu pagaria por isto com a minha liberdade pessoal. Antes de se afastar ele reiterou que eu não deveria chegar a metade do próximo ano me encontrando ainda a fazer o trabalho que tinha estado fazendo por 25 anos passados.

Eu estava bem confuso. Eu não sabia se foi uma aparição ou um sonho, mas eu estava bem acordado e não dormi mais pelo resto daquela noite. Eu voei de volta a Lagos mais tarde e indo direto a Benin para procurar o conselho do meu pai no significado daquela estranha experiência.

Quando eu revelei ao meu pai como o homem apareceu para mim e como ele chamou a si mesmo, dizendo que era Ọrúnmilá, ele me avisou que apesar de eu não estar pronto para me aposentar, que seria melhor pedir meu aviso de aposentadoria imediatamente. Quando eu retornei a Lagos no dia seguinte, rapidamente chamei minha secretária e ditei meu aviso de aposentadoria.

Novamente em Janeiro 1980 a mesma voz me ordenou a acordar e ver o tabuleiro que ele tinha posicionado na minha frente. Naquela noite singular, ele me deu o nome dos 16 Olodus de Ọrúnmilá e como marcá-los na bandeja de Ifá. Ele prometeu me deixar conhecer posteriormente como construir os nomes dos seus 240 (odus). Com aquilo ele desapareceu de novo das vistas e eu me levantei rapidamente para anotar os 16 nomes e suas marcas.

Ele apareceu posteriormente para mim para me ensinar os nomes dos 240 Odus e eu escrevi todos num grande quadro que eu tinha para este dia.

Três dias depois do meu aviso de aposentadoria ter vencido, ele apareceu mais uma vez para me dizer que me queria para permitir ao mundo saber sobre a sua função. Ele também me ensinou como reconhecer e ler o instrumento de adivinhação chamado Okpele. Antes de partir, me disse que uma vez que eu não entendo sua linguagem (Yorùbá), eu deveria procurar por um homem chamado Bayo Ifaniyi para me falar o que fazer. Eu não tinha visto Bayo por quase sete anos.

Então rapidamente o chamei e lhe contei que Ọrúnmilá me pediu para consultá-lo. Aquele era o início da minha longa estada na interminável obra de Ọrúnmilá e a filosofia de Ifá que forma a base deste livro. Eu desejo finalizar este capítulo pagando tributo a Ọrúnmilá por ter me dado a oportunidade advertindo-me para deixar o serviço público em 1980.

Eu hesitei por um longo tempo, por estar curioso em saber se era razoável viver do sinal e do chamado da voz de um desconhecido. Não foi fácil deixar o alto posto da Secretaria Permanente no Serviço Público Federal, uma posição que eu tinha ocupado por cinco anos. Quando todavia entendi que era a mesma voz que me impediu de fazer Haraquiri em 1969, eu assegurei a mim mesmo que não perderia nada atentando para os avisos da voz.

É significativo mencionar que se tivesse desobedecido às instruções, como saber se eu teria escapado totalmente dos eventos desagradáveis que ocorreram na Nigéria entre 1983 e 1985.

Da mesma forma eu agradeço ao último Ministro com quem trabalhei, quem indócilmente e intransigentemente ajudou a firmar minha decisão de me aposentar do serviço público.

---